Dia 20 — Santo Euquério, Bispo

Santo Euquério, um dos mais santos prelados da igreja da França, florescia no século oitavo, tanto pelo resplendor de sua eminente virtude como por seu fervoroso zelo em promover a disciplina eclesiástica. Nasceu em Orléans por volta do ano de 690, de uma das famílias mais nobres daquela cidade. Sua mãe era uma senhora de singular virtude e de costumes tão regrados que tinha poucas imitadoras. Voltando uma noite da igreja, onde havia assistido às matinas, retirou-se a seu quarto e teve um sonho que a consolou muito. Apareceu-lhe um anjo e, depois de ter louvado a devoção e a frequência com que assistia aos divinos ofícios, anunciou-lhe que o filho que levava em seu seio seria filho de bênção e com o tempo um santo bispo. O nascimento daquele querido filho regozijou extraordinariamente toda a família. Noticiosos todos da visão da mãe, perguntavam-se uns aos outros: *Quis putas puer iste erit?* Que coisa será este menino com o tempo? O desejo de não poupar meio algum que contribuísse a proporcionar as grandes esperanças que se haviam concebido dele moveu seus pais a suplicar a Santo Ansberto, bispo de Autun, cuja fama de santidade voava então por toda a França, que se dignasse fazer-lhes a honra de batizá-lo. Informado o santo prelado do misterioso sonho que havia precedido a seu nascimento, teve singular consolo em administrar o sacramento do batismo a um menino por quem o mesmo céu parecia interessar-se. Levaram-no seus pais a Autun, e o santo bispo o recebeu com aqueles movimentos de gozo espiritual que inspiram aos santos os indícios ou prognósticos da futura santidade, exortando os virtuosos pais a que dobrassem o cuidado na vigilante educação daquele filho, que algum dia havia de honrá-los tanto.

Não se passou muito tempo sem que se descobrissem no santo menino presságios pouco duvidosos do que havia de ser. A doçura de seu natural, sua docilidade e sua modéstia fizeram-no amável desde o berço. Parecia que havia nascido com ele a devoção; ao menos antecipou-se ao uso da razão e deixou-se ver em suas ações antes que lha tivessem ensinado. Nenhuma coisa consolava mais seus piedosos pais que ver a ânsia e o gosto com que o menino Euquério se dedicava à oração. Não se lhe podia dar maior contentamento que dizer-lhe que o haviam de levar à igreja, onde estava o menino com tanta compostura, com tanto respeito, que parecia coisa sobrenatural.

À idade de sete anos aplicaram-no ao estudo. Como tinha muito engenho e era de um natural dócil e brando, em pouco tempo fez admiráveis progressos. Distinguiu-se nas letras humanas e nas artes, saindo muito aproveitado na filosofia; mas, entre todas as faculdades a que o aplicaram com tão feliz êxito, a nenhuma se dedicou com igual gosto que às que tratam da Religião. Estudou com ânsia a teologia, os sagrados cânones e os santos padres da Igreja, de maneira que em pouco tempo foi correspondente a sua virtude sua sabedoria. À idade de dezessete ou dezoito anos era já tido por um pequeno prodígio de ciência e de santidade. Nunca foi rapaz senão nos poucos anos, e

jamais se observou nele a menor puerilidade nem leviandade.

Sendo inseparável da verdadeira piedade cristã a devoção com a santíssima Virgem, foi ternissima e afetuosíssima a que toda a vida professou Euquério a esta Senhora, sem nomeá-la de ordinário com outro nome que o de sua querida mãe. Ao passo que a idade, ia crescendo sua virtude; e, como a oração havia sido todo o entretenimento de sua infância, tampouco teve outra diversão em sua juventude que a leitura de bons livros e os exercícios da mais sólida piedade. Uma virtude tão eminente e tão antecipada não podia ficar no século; nem o mundo parecia terreno a propósito para um coração tão puro e tão reto. No princípio abraçou o estado eclesiástico, sendo bispo Leodoberto, e em poucos dias era o exemplar que se propunha à imitação a todos os clérigos; mas este estado, embora tão santo, ainda lhe pareceu muito perigoso; e, como anelava à mais alta perfeição, todos os seus suspiros eram pela solidão. Pôs os olhos no mosteiro de Jumièges, situado à margem do rio Sena, na diocese de Rouen, onde reinava a disciplina monástica com tanta regularidade que comumente era tido por uma das casas religiosas de mais estreita observância. Foi recebido nela nosso santo como vindo do céu, porque a fama de sua singular virtude não só havia prevenido os ânimos em seu favor, mas já o aclamava como um modelo cabal da perfeição cristã. A poucos dias fez conhecer seu trato que a fama não havia feito mercê a seu mérito. No noviciado foi a admiração dos mais anciãos e assombro ainda dos mais perfeitos; juntava uma profunda humildade e uma austerissima mortificação com uma inocência, com um fervor que era o pasmo e até a confusão de todos.

Sete anos passou Santo Euquério numa vida tão penitente que renovava em Jumièges aqueles espantosos exemplos de penitência que até então só se haviam visto nos desertos do Oriente. Seu jejum era contínuo, e austerissima sua abstinência. Engenhoso em mortificar aqueles sentidos que até ali se haviam conservado inocentes, todo o seu estudo era crucificar sua carne e macerar seu corpo, de maneira que o rigor da penitência parecia deixá-lo viver como por milagre. Era tão exato na observância das mais miúdas obrigações de seu instituto que jamais se lhe notou a menor falta de regra, nem sequer por inadvertência. Havia recebido um dom de contemplação tão elevado que poderia dizer-se que estava continuamente em oração e que sua oração era um perpétuo êxtase. Sublimado à dignidade do sacerdócio, não se pode explicar com que religião, com que devoção, com que fervor se chegava a celebrar o santo sacrifício; seu aceso coração, inflamado num puríssimo amor, exalava-se em suspiros e derretia-se em lágrimas.

Tendo morrido neste tempo Severo, bispo de Orléans e tio de nosso santo, tanto o povo como o clero a uma voz pediram Euquério por bispo; mas, como todos tinham tão conhecida sua sincera e profunda humildade, correspondente em tudo às demais eminentes virtudes que o acompanhavam, teve-se muito prevista sua invencível repugnância a toda sorte de dignidade eclesiástica, e que se resistiria obstinadamente ao bispado ou os poria na precisão de eludir seus desejos com a fuga. Para prevenir este inconveniente, o primeiro passo foi acudir a Carlos Martel, que com o título de Maire, ou mordomo do palácio, governava absolutamente todo o reino. Despachou-lhe o clero de Orléans uma deputação, pedindo-lhe que desse sua permissão para eleger Euquério por bispo e suplicando-lhe ao mesmo tempo que se dignasse apoiar com sua autoridade esta eleição. Condescendeu sem dificuldade aquele príncipe com uma súplica tão justa e até lhes deu um de seus primeiros oficiais para que fosse com eles e de sua parte tirasse Euquério de Jumièges e o conduzisse a Orléans.

Logo que os deputados e o oficial chegaram ao mosteiro, declararam ao santo como o clero e o povo de Orléans unanimemente o haviam elegido por bispo. Ao ouvir Euquério esta notícia, ficou tão fora de si como se lhe tivesse sucedido a maior desgraça do mundo; mas, vendo que não se fazia caso nem de seus rogos, nem de suas razões, nem de suas lágrimas, voltados os olhos inundados nelas a seus queridos irmãos, suplicou-lhes com o modo mais terno, mais enérgico, mais expressivo, que não permitissem que o arrancassem de sua amável companhia para voltar a enredá-lo nos perigosos laços do século; confessando com ingenuidade que as mais sagradas dignidades as olhava com temor, considerando-as como umas praças fronteiriças expostas a maiores perigos da salvação. Os monges, por sua parte, sensivelmente penetrados de dor por aquela terna separação, misturavam suas lágrimas com as do aflito Euquério, sem achar outro consolo na perda de tão invejável companheiro senão a consideração do maior bem que resultava a toda a santa Igreja. Foi enfim necessário deixar a amada solidão e marchar a Orléans. Ali encontrou já juntos todos os bispos dos arredores para a cerimônia de sua sagração, a qual se celebrou em meio de numerosa clerezia e de quase imenso concurso de infinito povo, que não se fartava de dar graças a Deus por lhe ter concedido tão santo bispo.

Logo que se viu às costas com o formidável peso da dignidade episcopal, cujas gravíssimas obrigações tinha bem compreendidas, deu toda a sua aplicação a desempenhá-las. Entregou-se inteiramente ao cuidado que pedia o governo de sua igreja. Começou fazendo reflorescer a disciplina eclesiástica; e, persuadido de que nenhuma coisa contribui tanto à reformação dos costumes do povo como a vida exemplar dos eclesiásticos, aplicou-se singularmente à reforma do clero. Foi seu exemplo a primeira lição que lhe deu, tendo o consolo de recolher muito logo abundantes frutos de seu laborioso zelo. Mudaram-se os costumes populares, e viram-se desterrados os abusos. A religião, a piedade e o culto divino reinaram na diocese de Orléans, comunicando-se às províncias vizinhas a luz de seu resplendor brilhante. Portava-se com todos o santo prelado com tanta doçura, com tanto amor, com tanta benevolência que, feito dono de seus corações, todos o veneravam como pastor e todos o amavam como pai. Quando andava na visita de seu bispado, que era frequentemente, saíam-lhe ao caminho as vilas, as cidades inteiras, correspondendo o rendimento com que recebiam suas ordens ao amoroso espírito com que ele as dispensava.

Seria espécie de prodígio que uma virtude tão eminente e tão ilustre estivesse longo tempo sem a prova da perseguição. Aquela admirável união que reinava entre o pastor e o rebanho turbou-se por fim pelo artifício do inferno, em cujos domínios fazia cada dia novas conquistas o infatigável zelo de nosso santo. Desagradavam muito ao inimigo comum tanto a solicitude pastoral como os grandes frutos que fazia o santo prelado; e, enfurecido de raiva, desdobrou todos os seus artifícios para manchar a reputação de Euquério por meio da calúnia. Gozava de uma doce paz em meio de seu querido povo, continuada por quase dezesseis anos, quando trabalharam em torná-lo suspeito ao príncipe, que até então havia professado singular estima e veneração ao santo bispo. Desencadeou-se a inveja contra sua severidade, que qualificava de aparente, mas sobretudo contra o zeloso afinco com que se opunha a que os leigos usurpassem os bens da Igreja. Isto era pontualmente atacar Carlos Martel pelo lado fraco e tocá-lo no ponto mais sensível. Como este príncipe se achava empenhado em tantas guerras, já em defesa própria, já contra os sarracenos, havia-se apoderado, para sustentá-las, de grossas quantidades nas rendas eclesiásticas. Deram-lhe a entender que Santo Euquério condenava ardentemente sua conduta; creu-o e, sem examinar as

circunstâncias daquelas acusações, resolveu castigar severamente o santo prelado. A seu regresso da Aquitânia, onde havia derrotado felizmente os sarracenos, passou por Orléans e deu ordem a Santo Euquério para que o seguisse a Paris e daí ao palácio de Verneuil, que era uma das casas reais. Apenas chegou a ela, desterrou-o para Colônia, juntamente com todos os seus parentes, sem querer dar ouvidos a sua defesa.

Fez em Euquério pouca impressão a desgraça. O gosto de achar a solidão e o retiro que apetecia fê-lo olhar com complacência o lugar de seu desterro; mas só o trataram como a desterrado o tempo que tardaram em conhecê-lo. Sua eminente virtude foi, por assim dizer, uma espécie de feitiço que logo lhe ganhou o amor e o respeito de todo o mundo. O povo e o clero trataram-no com muita honra, e os principais da cidade contribuíam tão liberalmente a quanto havia mister que causou ciúmes ao príncipe; de sorte que enviou ordem ao duque de Haspengau para que fizesse sair de Colônia o santo bispo e o trasladassem a uma das praças fortes de Hesbaye, no país de Liège; mas Deus lhe deu também tanta graça nos olhos deste senhor que, muito longe de tratá-lo como prisioneiro, respeitou-o sumamente e até o fez esmoler seu. Tendo obtido do duque livre faculdade para eleger o lugar que quisesse dentro da província de Hesbaye, escolheu a abadia de Saint-Trond, que foi seu último retiro.

Logo que se viu dentro dela, só pensou em santificar-se mais e mais com o exercício das maiores virtudes. Seis anos passou numa vida inteiramente celestial. Redobrou suas penitências, e eram contínuas sua oração e suas vigílias. Fez tanta impressão em todos os monges o exemplo do santo prelado que se reformou o mosteiro. Parecia que em sua vida havia saído Euquério do deserto, segundo o total esquecimento que tinha de seus parentes e do mundo. Finalmente, querendo o Senhor premiar os trabalhos de seu fiel servo, chamou-o do desterro à feliz estância dos bem-aventurados por uma morte preciosa. Foi seu ditoso trânsito no dia 20 de fevereiro do ano 743; e em pouco tempo ilustrou o Senhor a glória de seu sepulcro com muitos milagres. Enterraram-no na igreja de São Trond, e quase desde então se começou a celebrar sua festa. Cento e trinta e sete anos esteve o santo corpo na sepultura, até que no ano de 880 foi elevado da terra, juntamente com o de São Trond, e exposto em lugar eminente à pública veneração. A incursão dos normandos, que sucedeu no ano seguinte, obrigou o bispo Francon a ocultar os dois corpos santos na gruta onde hoje são reverenciados. Venera-se numa rica urna todo o corpo de Santo Euquério, com exceção de um osso principal, que no ano de 1606 se deu à santa Igreja de Orléans.

São Leão, Bispo

São Leão, um dos prelados mais célebres da Igreja, o qual pela multidão de seus milagres mereceu o renome de Taumaturgo, nasceu no território de Ravena, de pais professores da religião cristã, os quais esmeraram seus desvelos na educação do menino, que desde seus tenros anos já se achava prevenido com as doces bênçãos do céu. Movido em sua juventude da fama de santidade com que se distinguia por aquele tempo o bispo de Ravena, sem notícia de seus pais rogou àquele prelado que se dignasse recebê-lo sob sua direção e magistério. Este o admitiu benignamente e, logo que experimentou por seu trato a inocência de sua vida, sua pureza de costumes e seu zelo ardente pela religião, conhecendo a utilidade que resultaria à Igreja de um ministro adornado com tão

brilhantes qualidades, pela série prescrita nos cânones sagrados, elevou-o à ordem sacerdotal, em cujo ministério se portou com tanta justificação e edificação do povo que por sua virtude, integridade e consumada prudência se confiou a seu cuidado a administração das coisas eclesiásticas.

Ocupado Leão em tão importante comissão, que satisfez com aplauso de todo o clero e povo, que o publicavam digno de maiores empregos, ocorreu a morte de Sabino, bispo de Catânia, na Sicília; e, rogando ao Senhor os eleitores que se dignasse conceder-lhes um prelado benemérito, por impulso superior fizeram a eleição em nosso santo, muito distante de apetecer honoríficos empregos. Entendido da promoção, resistiu-a por quantos meios cabem em humana repugnância, confessando ingenuamente sua insuficiência para o desempenho de tão grave peso. Mas, não admitidas suas humildes escusas pelos eleitores, tenazes no empenho, levaram-no à força com aparato régio à cadeira de Catânia, na qual se sentou pelos anos de 770.

Conhecendo Leão por tão visíveis provas que era vontade de Deus que carregasse sobre seus ombros o gravíssimo peso do ministério episcopal, confiado na graça daquele Senhor que o elegeu para o emprego, não omitiu meio algum que pudesse contribuir ao desempenho de suas obrigações. Não é fácil explicar o porte deste varão apostólico, cujo principal objeto não foi outro que o de fazer brilhar a disciplina eclesiástica em todo o seu clero e reformar os costumes do povo, animando sempre suas instruções com o exemplo. Esmerava-se tanto no cuidado dos pobres, viúvas, pupilos e órfãos que, abraçando-os como pai, repetia com frequência: «Tem, Senhor, abertos os olhos e atentos os ouvidos aos clamores dos necessitados que a ti vêm.»

Embora seu zelo apostólico, a singularidade de sua vida exemplar, o ardor pela religião, a instrução particular nas sagradas letras e as repetidas vitórias que conseguiu dos hereges nas frequentes disputas que teve com eles tornassem tão célebre este excelente prelado, o que mais recomendou sua eminente santidade foram seus assombrosos prodígios.

Vivia em Catânia em seu tempo um celebérrimo mago chamado Diodoro ou Lindoro, filho de certa mulher dita Bárbara Patrícia, o qual, embora em seus primeiros anos houvesse sido cristão, abandonando depois a Religião, havia-se entregue à arte mágica com desejos ambiciosos. Valendo-se da cooperação dos demônios, fazia admiráveis transformações das coisas criadas, transferia-se de repente a termos dilatados, fingindo-se com poder divino, persuadia ao vulgo néscio que lhe tributasse um culto sacrílego e, não satisfeito com tão enorme delito, perturbava Catânia e toda a Sicília, causando a seus naturais consideráveis danos e prejuízos. Delatado a Lúcio, presidente da província, este julgou conveniente informar os imperadores com justificação dos perversos feitos daquele homem maligno, assegurando-lhes na relação que em nada cedia a Simão Mago. Apenas leram os imperadores Leão e Constantino tão infausta notícia, enviaram a Catânia Heráclides, seu estribeiro-mor, com ordem expressa de conduzir Lindoro dentro do termo de trinta dias a Constantinopla, encarregando-lhe muito particularmente que não omitisse diligência alguma capaz de satisfazer em tudo a comissão. Partiu Heráclides no mesmo momento e, tendo chegado à Sicília, apresentou-se-lhe o mago imediatamente, dizendo-lhe que não se molestasse em sua busca, porque, embora pudesse fugir de todas as suas diligências com a maior facilidade, com tudo elegia antes morrer gostoso aos pés do imperador que viver em sua desgraça.

Estava admirado o estribeiro de tão inopinada invenção e duvidando se em realidade era Lindoro quando lhe ofereceu este que, prometendo-lhe a correspondente segurança, faria que chegassem num dia a Constantinopla. Ameaçou-o Heráclides de submergi-lo no mar quando assim não o cumprisse. Com efeito, entrando em umas lanchas todos os da tripulação, tendo-lhes prevenido o mago que de modo nenhum nomeassem a Jesus Cristo e introduzindo na água suas cabeças, acharam-se de improviso em Constantinopla. O estribeiro, cheio de assombro, referiu o sucesso aos imperadores, os quais condenaram Lindoro a pena capital. O mago, no lugar do suplício, pediu que lhe dessem água para beber, rogando que o fizessem numa vasilha, porque de outro modo não podia saciar a sede. Tendo-se-lhe franqueado esta, saltou nela e desapareceu, dizendo: Salve, imperador, busca-me em Catânia. Burladas as majestades imperiais, voltaram segunda vez com mais empenho a remeter Heráclides a Catânia, e Lindoro, conduzido segunda vez a Constantinopla, executando o mesmo que na primeira, livrou-se da morte com sua magia, provocando o imperador a que o buscasse em Catânia.

Temos referido esta história para que mais brilhe a virtude de São Leão, pois o que não pôde conseguir todo o poder humano logrou-o sua santidade. Entendido o santo prelado do miserável estado daquele homem infeliz, desejoso de sua salvação, aconselhou-o como pai repetidas vezes que se reconhecesse, manifestando-lhe os funestos fins de semelhantes enganos; mas, ignorando o desgraçado o poder da graça e o que concede a seus servos o Senhor, esteve tão longe de arrepender-se que converteu suas más artes contra Leão. Em certa ocasião, estando celebrando o prelado o santo sacrifício do altar, entrou Lindoro na igreja e principiou a patear a todos os concorrentes, movendo uns a riso e outros a indignação e até gloriando-se de que faria saltar no coro o bispo com seu clero. Sentiu Leão como devia o insulto no templo de Deus e, tendo feito fervorosa oração, cheio de confiança no Senhor, arrojou-se ao mago com generosa intrepidez e, agarrando-o com a estola pelo pescoço, disse-lhe: Por meu Senhor Jesus Cristo te asseguro que de nada te hão de aproveitar tuas magias; e, ficando o mago preso sem arbítrio, conduziu-o Leão agarrado com a mesma estola à fogueira que se acendeu para queimá-lo, entre cujas chamas manteve o santo a mão com a estola sem a mais mínima lesão, até que ficou reduzido a cinzas aquele impostor.

Também se acreditou o poder de nosso santo na destruição de dois simulacros colocados com primoroso artifício na eminência de um templo profano, onde o ímpio Décio lhes tributava culto e que não puderam demolir seus predecessores por mais requintadas diligências que fizeram para isso. Apenas orou ao Senhor, conseguiu Leão que caíssem em terra, reduzidos a miúdos pedaços, e converteu aquele templo, depois de purificado, em igreja dedicada aos quatro mártires, pondo no mesmo lugar das estátuas o estandarte da santa cruz.

A multidão de prodígios que cada dia obrava o Senhor pelos méritos de seu servo fez que voasse a fama de sua santidade por todo o orbe cristão. Movidos destes ecos os imperadores e desejosos de vê-lo, mandaram-no vir a Constantinopla, onde, prostrados a seus pés, renderam-lhe as venerações correspondentes e encomendaram suas pessoas, sua família e império a suas poderosas orações para com Deus.

Finalmente, depois de ter satisfeito todas as obrigações de seu ministério por espaço de 16 anos como um verdadeiro sucessor dos apóstolos, cheio de merecimentos, morreu no Senhor pelos anos

de 716. O povo chorou sua falta como a de um pai e pastor tão digno. Seu corpo foi sepultado no mosteiro que o mesmo santo fundou perto dos muros de Catânia, e seu sepulcro foi muito célebre antes que os árabes ocupassem a Sicília, pelo prodígio de manar dele um azeite de singular virtude para curar toda classe de acidentes.

Martirológio Romano

Em Tiro, na Fenícia, a memória de muitos santos mártires, cujo número só Deus o sabe, a quem fez morrer com diversos gêneros de suplícios Veturio, mestre da milícia, no tempo do imperador Diocleciano. Primeiramente se lhes despedaçou as carnes com cruéis açoites; depois se os expôs a feras de diferentes espécies, das quais os livrou Deus milagrosamente; por fim, tendo acrescentado o tirano a todos estes tormentos os do fogo e do ferro, acabaram seu martírio com este derradeiro suplício. Os bispos Tiranião, Silvano, Peleu, Nilo, com o santo presbítero Zenóbio, que excitavam à vitória toda esta gloriosa multidão, tendo sido seus companheiros no combate, alcançaram também com eles a palma do martírio.

Na ilha de Chipre, os santos mártires Potâmio e Nemésio.

Em Constantinopla, Santo Eleutério, bispo e mártir.

Na Pérsia, São Sadot, bispo, com outros cento e vinte e oito mártires que, por terem recusado adorar o sol, no tempo do rei Sapor, com cruéis mortes mereceram imortais coroas.

Em Catânia, na Sicília, São Leão, bispo, esclarecido por suas virtudes e por seus milagres.

No mesmo dia, Santo Euquério, bispo de Orléans, cujos milagres lhe deram tanta honra como seus inimigos haviam inventado contra ele negras calúnias. Em Tournai, Santo Eleutério, bispo e confessor.

Missa (oração)

A missa é a que se diz do comum dos confessores pontífices, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Eucherii confessoris tui atque pontificis veneranda solemnitas et devotionem nobis augeat et salutem: Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Concedei-nos, Deus onipotente, que a venerável solenidade de vosso bem-aventurado confessor e pontífice Santo Euquério nos aumente a piedade e o desejo de nossa eterna salvação: Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é dos capítulos 44 e 45 do Eclesiástico (o original diz “Sabedoria”) e é a mesma do dia 4.

> **Latim:** *Ecce sacerdos magnus, qui in diebus suis placuit Deo, et inventus est justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. Non est inventus similis illi qui conservaret legem Excelsi. Ideo jurejurando fecit illum Dominus crescere in plebem suam. Benedictionem omnium gentium dedit illi, et testamentum suum confirmavit super caput ejus. Agnovit eum in benedictionibus suis: conservavit illi misericordiam suam, et invenit gratiam coram oculis Domini. Magnificavit eum in conspectu regum; et dedit illi coronam gloriæ. Statuit illi testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium magnum, et beatificavit illum in gloria. Fungi sacerdotio, et habere laudem in nomine ipsius, et offerre illi incensum dignum, in odorem suavitatis.*

Português: Eis aqui um grande sacerdote que em seus dias agradou a Deus e foi achado justo, e no tempo da ira fez-se reconciliação. Não se achou semelhante a ele na observância da lei do Altíssimo. Por isso o Senhor, com juramento, fez que fosse célebre em seu povo. Deu-lhe a bênção de todas as nações e confirmou em sua cabeça o seu testamento. Reconheceu-o por suas bênçãos e conservou-lhe sua misericórdia, e achou graça aos olhos do Senhor. Engrandeceu-o na presença dos reis e deu-lhe a coroa da glória. Fez com ele uma aliança eterna e deu-lhe o sumo sacerdócio, e encheu-o de glória, para que exercesse o sacerdócio, fosse louvado seu nome e lhe oferecesse incenso digno dele, em odor de suavidade.

Nota

«Nos dois capítulos de onde se tirou esta epístola faz o autor um magnífico elogio dos patriarcas e dos homens grandes da nação hebreia, em particular de Abraão, Moisés e Aarão; e se vê claro que no mesmo elogio se encerra também o dos confessores pontífices da santa Igreja.»

Reflexões

Non est inventus similis illi, qui conservavit legem Excelsi: Não se achou quem fosse semelhante a ele em observar a lei do Altíssimo. Assombro é que esta lei não seja mais geralmente observada. É a lei do Altíssimo; pois quem pode resistir a obedecê-la? Da observância ou da infração desta lei depende nossa felicidade ou infelicidade eterna; pois quem se atreverá a violá-la? Com tudo isso há poucos que a observem com fervor e com pontualidade. De onde nascerá a inobservância da divina lei em muitas pessoas que por outra parte são piedosas e têm uma vida bastantemente regrada? Não de outro princípio que dos respeitos humanos. Este é o fantasma imaginário, este é o grande escolho figurado em que se estilhaçam tantos projetos e que faz infiéis tantas almas. E, em suma, esses respeitos humanos, que vêm a ser? Um vão espantalho, forjado pela fantasia, avultado pelo amor-próprio, a quem dá o mundo toda a sua autoridade e de quem se vale o inimigo comum para intimidar, para acovardar as almas pusilânimes. É um temor imprudente e néscio de cumprir com seu dever em ponto de religião, de parecer cordato e virtuoso aos olhos dos que não o são e de ter uma vida regrada pela fé que se professa.

Quantas pessoas tocadas da graça de Deus, espantadas à vista de suas desordens, se renderiam aos fortes impulsos da graça, se a vã apreensão dos juízos do mundo, se os respeitos humanos não sufocassem nelas as mais santas resoluções e não tornassem inúteis os esforços destas luzes!

Remorsos agudos, sobressaltos salutares, projetos de conversão, desejos virtuosos, plano de nova vida: tudo dá ao través à vista deste fantasma. Quer-se antes passar os dias da vida entre as amarguras de um coração agitado, entre as turbações de uma consciência cruelmente atormentada; quer-se antes viver em desgraça de Deus; quer-se antes arriscar tudo, que expor-se à zombaria, ao riso, à censura de um montão de mentecaptos, a quem sempre põe de mau humor o mérito de outros e que não podem tolerar que sejam mais prudentes que eles os que em outro tempo não foram melhores.

Viu-se jamais no mundo temor mais infundado, mais mal empregada condescendência nem deferência mais irracional nem mais injusta? Está-se na firme persuasão de que o caminho vai errado; conhece-se claramente o risco e o precipício; apalpa-se, confessa-se a grande necessidade que há de uma pronta reforma. A graça solicita, o tempo voa, o exemplo, a experiência, a fé, a razão, tudo conspira a tirar-nos do perigo, tudo nos inclina ao melhor partido, tudo grita que é preciso reformar-nos. Convém-se nisso; mas um terror pânico nos faz tão covardes que se nos caem as armas das mãos; o vão fantasma dos respeitos humanos turba, desconcerta, detém o movimento aos primeiros passos em tão gloriosa carreira. São acaso as dificuldades as que nos acovardam? É acaso a devoção a que nos espanta? Faltam porventura atrativos à virtude? Não por certo.

Aquele grande do mundo, aquele homem de talento, aquele homem de siso, aquela senhorita jovem, desenganados já das fantásticas ideias que deslumbram e encaprichar, achavam não sei que novo gosto no exercício da virtude. A graça havia feito desaparecer a multidão de prestígios que os arredravam; e a mesma graça, por assim dizer, havia aplanado já todos os caminhos. Já o semblante da penitência não lhes parecia tão feio, tão horroroso, nem encontravam já tanta doçura, tanto gosto nos prazeres do mundo. Sim, compreendiam já, e até o apalpavam, que uma vida inocente, uma virtude pura e sólida é copioso manancial de uma alegria verdadeira, de uma tranquilidade que não se acha em outra parte. A vida dos santos que floresceram em todos os

estados não lhes parecia já prodígios tão raros que fossem inacessíveis à imitação. A virtude não só se lhes figurava amável, mas fácil, ou ao menos não difícil; o horror às desordens passadas, as máximas e os ditames presentes, tudo prometia uma ditosa conversão futura, uma reforma pronta; já estavam, por assim dizer, com um pé na terra de promissão; quando o temor de uns monstros fingidos, fabricados puramente por um terror pânico, por uma imaginação desconcertada, os detém, os desalenta, os faz voltar atrás. Bom Deus! Será possível que nossa imaginação unicamente há de ser fecunda em obstáculos, em dificuldades, em monstros, quando se trata de entrar em vosso serviço?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus e é o mesmo do dia 4.

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. 22 Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. 23 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: 14 Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. 15 E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. 16 O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. 17 Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. 18 Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. 19 E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. 20 E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. 21 Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já

que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. [22] Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. [23] Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Dos respeitos humanos

Primeiro ponto

Considera que os respeitos humanos são uma injusta preferência dos juízos dos homens sobre os juízos do mesmo Deus. Que coisa mais irracional nem mais indigna de um homem de bem e de um homem cristão?

Teme-se desgostar a quem nada importa dar-lhe gosto ou deixar de dar-lho, e não se teme desagradar a Deus, sendo esta a maior de todas as desditas; e é o pior que se quer desagradar a Deus por não desagradar aos homens.

Tem-se vergonha, teme-se muito ser tido por devoto, isto é, por servo fiel de Deus, por discípulo de Jesus Cristo, por religioso observador de sua lei e de seus preceitos. Se isto sucedesse em meio do gentilismo, choraríamos a desgraça daqueles cristãos covardes, daqueles semiapóstatas; mas que isto suceda entre os cristãos! Que em meio do cristianismo se tenha vergonha do Evangelho! Podem subir mais de ponto a irreligião, a impiedade e a malícia?

Honra-se alguém de estar em serviço dos grandes do mundo e envergonha-se de estar em serviço de Jesus Cristo! Desde quando é coisa vergonhosa ser homem de bem, ser virtuoso, ser fiel?

Os dissolutos, os mundanos fazem vaidade das diversões gentílicas, das ações mais afrontosas; e os cristãos hão de ruborizar-se das ações mais santas! Há de louvar-se alguém de passar os dias inteiros no jogo, de entrar em todas as partidas de diversão, de brilhar, de sobressair nas concorrências do mundo; e hão de subir-lhe as cores ao rosto porque o vejam no tribunal da penitência, ao pé dos altares, no templo santo de Deus com modéstia e com respeito! Não há de ter valor para dizer, e até se há de enfadar de que se saiba, que acaba de sair de uns dias de retiro, de fazer uns santos exercícios! Com que viveza, com que empenho se nega ou se oculta que se visitaram os pobres do hospital, que já se deixou o jogo, que já não se concorre ao baile, que se desterrou para sempre dos espetáculos, que se faz profissão descoberta de ser cristão e que se crê ao oráculo que diz: Quem negar Jesus Cristo diante dos homens será negado de Jesus Cristo diante de seu Pai! Esta conduta é extravagância ou é impiedade? É irreligião ou é loucura? Tudo o é certamente.

Ah, meu Deus, que confusão, que dor sinto de ter tido até aqui mais atenção aos homens que a meu soberano dono! Quão vivamente detesto tão vergonhosa, tão ímpia preferência! Vós, Senhor, a quem está patente meu coração, estais vendo o que sinto e o que penso.

Segundo ponto

Considera que, se um discípulo de Cristo se houvesse misturado entre o povo dos judeus e houvesse gritado com eles: Viva Barrabás, e morra Jesus! Que indignação, que horror não se teria ainda hoje contra aquele ímpio apóstata, e com que execração não se escutaria seu nome até o fim dos séculos em toda a Igreja!

Pois digo: e o preferir o mundo a Jesus Cristo por um vil respeito humano é menos injurioso a Jesus? É menos escandaloso? É menos horrível? Fica acaso por este covarde, por este ingrato discípulo que a lei de Deus não pereça? Que dirão se me reformo? Se não assisto já aos saraus, aos convites, às funções do carnaval, às festas licenciosas? Mas dize-me: e que dirá Deus se assistes a elas? Mas não importa, com Deus não se conta, faz-se pouco ou nenhum caso de que diga o que disser; pode mais uma néscia vergonha, um louco respeito humano. Ó meu Deus! E à vista disto, quem negará já que é muito necessário um juízo universal, que é indispensável a severidade da divina justiça?

Se fazes essa boa obra, se emendas teus costumes, se frequentas os sacramentos, se entabulas uma vida regular e mais cristã, os homens de juízo e virtude te louvarão, Deus o aprovará e tu te alegrarás eternamente. Na verdade, alguns libertinos, algumas mulheres mundanas sem honra e sem cabeça te zombarão por algum tempo; mas quê! Hás de fazer tu caso do que diz semelhante gentinha? Hás de fazer apreço de suas insulsas, de suas ímpias necedades e hás de temê-las até sacrificar tua paz, tua salvação e tua alma?

Quê! Um néscio, um ímpio desaprova a lei de Deus; e eu sacrifico meu dever, minha religião, minha consciência à impiedade, ao capricho desse néscio! Pode haver mais odiosa extravagância? Os mártires seguiram esta lei; defenderam esta lei à custa de sua vida: em boa-fé, essas gentes que o respeito humano domina estariam prontas a defender esta mesma lei, a sustentar sua fé derramando seu sangue por ela?

Bem sei, Senhor, que jamais serei servo vosso se quero agradar aos homens; mas isto está feito, Senhor: já não mais covardia, já não mais humanos respeitos quando se trata de servir-vos. Ainda que desagrade a todo o universo, como dê gosto a vós, meu Deus, nada me importa; desde este mesmo ponto ponho toda a minha glória em servir-vos, em agradar-vos, cuidando pouco de agradar ou desagradar a outro.

Jaculatórias

> *Dirumpamus vincula eorum, et projiciamus a nobis jugum ipsorum.* Sl 2.

Rompamos já as cadeias do respeito humano e sacudamos já de nossas cervizes a tirania de seu jugo.

> *Deus dissipavit ossa eorum qui hominibus placent; confusi sunt, quoniam Deus sprevit eos.* Sl 52.

Compraz-se Deus em desprezar também os que não fazem caso de sua Majestade por comprazer aos homens, e tem grande gosto de enchê-los de confusão.

Propósitos

1. Não se passe o dia sem dar alguma prova do desprezo que fazes dos respeitos humanos, e mostra em toda ocasião que não te envergonhas do Evangelho. Cumpra-se com estas duas obrigações de palavra e de obra. Fizeste resolução, e a ofereceste a Deus, de não jogar até a Páscoa, de não concorrer mais ao baile, de desterrar-te para sempre dos espetáculos: pois dize publicamente, e dize-o com toda resolução, que não queres jogar até tal tempo, que renunciaste eficazmente e para sempre todo concurso, toda diversão perigosa; que queres servir a Deus com maior edificação e com mais fidelidade do que fizeste até aqui. Levanta a voz e dize com toda clareza que queres pensar seriamente no negócio de tua eterna salvação e que estás resolvido a não poupar meio algum para consegui-lo; dize que não queres ter outra regra para tua conduta que as máximas de Jesus Cristo e os ditames do Evangelho. Tudo depende de dizê-lo com brio e com resolução; se mostras timidez, dá-te por vencido. Em matéria de costumes uma vigorosa determinação vale uma vitória; mas não te contentes com declarar o partido que tomaste, faze que tuas obras provem tua resolução. O mundo só persegue com suas zombarias, com suas frias bufonarias os virtuosos tímidos e covardes, os que se envergonham de parecer o que são; mas aos que publicamente fazem resoluta profissão de sê-lo olha-os com respeito e com veneração. Se temes responder franca e descobertamente, com ar livre e resoluto, que vais encomendar-te a Deus, que vens da igreja, essa néscia covardia, esse contemporizar fora de tempo provam que a intenção não é a mais pura, que tua fé está muito tenra, que tua devoção é muito duvidosa. Olha-se essa meia devoção como uma espécie de cena cômica com que queres divertir o público; e isso é o que faz rir a uns e põe de mau humor a outros. E com efeito, se estás resolvido a servir a Deus sinceramente, a que propósito envergonhar-te de uma coisa que a todo o mundo honra tanto?

2. É erro persuadir-se alguém de que seria vaidade declarar-se tão cedo e tão descobertamente pelo partido da virtude. Este é o maligno artifício de que ordinariamente se serve o demônio para enganar as pessoas que se convertem; mas lembra-te de que é um excelente meio para perseverar na virtude professá-la desde logo de cara descoberta. Este generoso, este ruidoso

princípio faz que as mesmas armas do inimigo sirvam para combater, uma vez que se abraçou publicamente o partido da virtude; a honra, a razão e até os mesmos respeitos humanos servem de barreira para defender-se da inconstância; cedo ou tarde se conhece o bom efeito daqueles primeiros passos; depois de ter feito tanto ruído, seria muita vergonha voltar atrás. Ditosa necessidade! Ditoso fruto daquela animosa declaração!

3. Queres, pois, libertar-te desde logo dos importunos sobressaltos do amor-próprio e dos artificiosos laços do inimigo? Pois afeta, por assim dizer, deixar-te ver em público com um vestido modesto, com uma compostura, com uns modos que eles mesmos estejam publicando tua mudança; mostra-te resoluto e determinado em todas as tuas respostas, prontas e precisas em ponto de virtude. Uma das mais piedosas e das mais úteis declarações é ir ouvir missa com modéstia e com devoção exemplar naquelas mesmas horas e àquelas mesmas igrejas onde antes te deixavas ver com tão pouco respeito e com tão nenhuma reverência. Alguns cristãos há tão generosos e tão santamente intrépidos que de propósito comungam algumas vezes na missa dos indevotos, dos preguiçosos; isto é, na missa das onze ou doze, a que costumam concorrer os janotas. Certamente são muito devidos ao público estes bons exemplos. Guarda-te bem de deter-te um ponto em confessar que vais visitar o Santíssimo Sacramento, que vens de fazer o mesmo com os pobres, etc. Pois quê, há de fazer-se vaidade no mundo de dizer que se vai ou se vem da comédia, e há de ter-se vergonha de dizer que se vai à igreja ou que se vem do hospital? Tem horror toda a vida de uma timidez, de uma covardia tão indigna.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:45:09 by Admin
Updated 20 November 2026 20:45:09 by Admin